



ISSN 2177-2940
(Online)
ISSN 1415-9945
(Impresso)

Caio Prado Júnior: uma biografia política

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i2.40048>

Leonardo Octavio Belinelli de Brito

 <https://orcid.org/0000-0002-4622-5366>

Universidade de São Paulo, USP, Brasil. E-mail: belinelli.leonardo@gmail.com

Resenha recebida em: 16/04/2018 Aprovada em: 20/06/2018

PERICÁS, Luiz Bernardo. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo, Boitempo, 2016.



Caio Prado Júnior é uma figura exaustivamente citada quando o tema em pauta é a história do marxismo no Brasil. Razão para isso não falta; afinal de contas, teria sido ele quem teria produzido uma primeira interpretação efetivamente marxista da história do país. Apesar disso, é espantoso percebermos como sua trajetória é pouco conhecida entre nós. Não se costuma ir além das leituras de alguns de seus principais livros, entre os quais se ressaltam *Evolução política do Brasil* (1933) e *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia* (1942), e do destaque de sua crítica à tese da presença do feudalismo na formação brasileira.

Nesse sentido, *Caio Prado Júnior – uma biografia política* tem um papel curioso: rerepresenta-nos um autor que costumamos supor largamente conhecido. Ora, o resultado dessa operação é duplo: por um lado, desmente o conhecimento tão largamente suposto por

nós e, ao mesmo tempo, nos aproxima *de fato* da trajetória do autor. Nesse movimento sinuoso, ganha-se, isso sim, um conhecimento concreto – e por isso mesmo, cheio de contradições - acerca dessa trajetória. Ilustremos o argumento com um exemplo: o costume de destacar a origem aristocrática de Caio Prado Júnior, embora seja correto – no sentido de verdadeiro - não é, normalmente, acompanhado das especificações dessa condição, o que o torna abstrato, como se fosse algo automatizado. Assim, ao explorar, com detalhes, as origens e a socialização familiar de Prado Júnior, Pericás consegue compreender seu impacto em toda a sua trajetória intelectual e política, por sua vez indissolivelmente ligada aos influxos do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ou seja, a biografia de Pericás confere carne e osso para uma história que, de tão citada, torna-se pouco conhecida.

Essa questão tem importância definitiva na estruturação das, por assim dizer, duas “teses” contidas no livro de Pericás - elemento que causa certa estranheza, se levarmos em conta que se trata de uma biografia. Por questão de clareza, talvez valha a pena expô-las: em primeiro lugar, o trabalho de Pericás sugere que Caio Prado Júnior deve ser entendido como um intelectual vinculado à prática política; em segundo lugar, que o seu marxismo é original e comparável a outros de grande relevância, como os de Lênin, Mariátegui e Che Guevara. Curiosamente,

ambas as teses são sugeridas nas epígrafes com as quais o livro é aberto. Vejamos como é possível articular uma breve interpretação da obra de Pericás a partir delas.

Começemos pela já mencionada “abstração” da história de Caio Prado Júnior. Nesse caso, ela leva à relativização da importância que a militância política teve no seu fazer intelectual. Nesse sentido, ao conferir centralidade a esse elemento – como sugere o termo “biografia *política*”-, Pericás conforma uma leitura que navega na contracorrente do rotineiro processo de consagração de intelectuais, o qual costuma “apagar” os rastros polêmicos de suas trajetórias. Com um pouco de pimenta, pode-se mesmo sugerir que, no caso de Prado Júnior, o apreço pela liberdade intelectual em nível exigente e em vinculação com a urgência da prática política não se coadunava com as tarefas próprias daqueles intelectuais vinculados ao processo institucionalização acadêmica no país, régua pela qual, a partir de determinado momento, a mencionada consagração intelectual passa medida. O livro de Pericás busca, assim, extrair todas as consequências de uma tese simples, mas cheia de consequências: Caio Prado Júnior foi um grande historiador que deve ser entendido como intelectual *político*, mas não como um acadêmico.

Ao revalorizar a dimensão “política” da biografia de Prado Júnior, Pericás também contraria uma tese difusa, mas com peso em

certos círculos intelectuais, segundo a qual o historiador paulista não foi um “autêntico marxista” – seja porque, supostamente, conheceria pouco os clássicos do marxismo, seja porque sua militância política nunca tenha se convertido em algo radical, seja porque suas teses nunca tenham tido influência decisiva sobre o PCB. Ou, ainda, porque Caio Prado Júnior padeceria de certo intelectualismo, supostamente originado da sua condição social burguesa – acusação que retoma, de maneira incorreta, as origens do autor como se elas fossem geneticamente determinantes. Ora, a história do marxismo está repleta de intelectuais que romperam com suas classes de origem e prestaram enormes serviços à causa socialista, como Lênin, Lukács, Che Guevara etc. Pericás parece ter isso em mira quando polemicamente retoma, já no final do livro, as acusações contra Caio Prado Júnior, lembrando que Lênin, Che Guevara e Mariátegui também foram, em alguns momentos, acusados de serem “falsos marxistas”.

Em contraste, Pericás não só demonstra os preços pagos por Caio Prado Júnior em sua trajetória, mas sinaliza que, apesar delas, o historiador paulista nunca cedeu diante deles, permanecendo fiel ao compromisso assumido quando do seu ingresso no PCB. Em poucas palavras: um grande mérito do livro está na *demonstração concreta* de como ocorreu essa fidelidade permanente, sempre cheia de

percalços. Isso é facilmente perceptível pela exposição detalhada das incansáveis ações construtivas do historiador no campo intelectual, criando editoras, gráficas, financiando eventos, recebendo e aconselhando colegas, escrevendo livros, viajando, discursando etc. Assim, um traço decisivo da militância do biografado está na sua aposta constante no alargamento e na complexificação do debate político, o que também ajuda a refletir sobre como Prado Júnior, ao seu modo e a partir de certas condições dadas, buscou aliar teoria à prática. Nessa trilha, é especialmente interessante a recuperação que o livro promove sobre a intensa repercussão de *A revolução brasileira* de Caio Prado Júnior, que hoje parecer ser um daqueles livros muito citados e pouco lidos. Esse plano abre o caminho para a exposição da segunda “tese” do livro. Ou seja: a valorização ética e política – nesse sentido, “prática” - da figura de Caio Prado Júnior não esgota o escopo analítico da biografia de Pericás. O biógrafo também se dispõe a disputar certa interpretação teórica da obra de Prado Júnior, cujo resultado também é a posituação de seu legado intelectual. Recorrendo às lições de Mariátegui e de outros marxistas corajosamente heterodoxos – porque avessos ao conformismo inerente ao dogmatismo -, Pericás busca ressaltar a importância da dimensão *interpretativa* da obra caiopradiana. O ponto alto dessa problemática no livro

aparece quando Pericás mobiliza polemicamente os “leitores” e as “leiturais” marxistas da obra do autor de *Formação do Brasil contemporâneo* para demonstrar seus variados equívocos; em outras palavras, Pericás demonstra detalhadamente o estoque de referências e análises intelectuais utilizados por Caio Prado Júnior na elaboração de sua obra, a qual, no entanto, as transcende justamente pelo esforço interpretativo original que lhe é própria. É nesse sentido que o livro pode afirmar, na esteira de outros trabalhos, como o de Bernardo Ricupero (1999), que Caio Prado Júnior *inventou* o marxismo no Brasil. Ora, para um espírito fechado, a afirmação soa como disparate; afinal de contas, para muitos, essa operação não só seria desnecessária – porque o “verdadeiro marxismo” já existiria, tal como formulado por Marx, Engels, Lênin etc -, como seria prejudicial ao espírito “verdadeiramente revolucionário”, pois introduziria certos revisionismos incompatíveis com a “verdadeira doutrina”. Contra o dogmatismo incrustado nessa posição, o qual assume o marxismo como uma ciência universal *de antemão*, Pericás ressalta a força da posição *interpretativa* da obra de Prado Júnior, cuja orientação estava voltada mais para a compreensão, nem sempre acalentadora, das contradições robustas da sociedade brasileira do que em afirmar, pela enésima vez, a cientificidade *a priori* do marxismo, o que

resultaria na sua apreensão abstratamente universalista (LÖWY, 2012).

A relevância e a originalidade dessa disposição de Prado Júnior, embora subjugada pelas disputas teórico-políticas do tempo em que exerceu plenamente sua atividade, não passou inteiramente despercebida. Isto é, Pericás expõe a partir do capítulo 11, no qual são citados diversos exemplos das iniciativas que visavam revalorizar um autor que, já naquela altura, estava, por diversos motivos, à margem da vida política e intelectual do país. Depois de um tempo marginalizado, Caio Prado Júnior foi como que “redescoberto” ao final de sua vida. Nessa seara, o capítulo com o qual o livro é fechado parece ser o de maior interesse, pois nele Pericás promove uma espécie de “balanço” do impacto de Caio Prado Júnior sobre sua geração, em boa medida rememorando suas relações com seus membros.

Por tudo isso, a obra de Pericás constitui um importante convite para uma nova redescoberta da trajetória intelectual e política de Caio Prado Júnior. Afinal, o que mais se exige de um intelectual comprometido com a transformação social do que a confluência entre posturas éticas, independência intelectual e interesse pela prática política? Desse ângulo, o livro de Pericás parece extrapolar o prisma historiográfico a partir do qual foi construído, parecendo sugerir que a postura de Caio Prado Júnior é fonte de inspiração política para os

dias de hoje. Se for esse o caso, a tese dá o que pensar.

Referências:

RICUPERO, Bernardo. Caio Prado Jr: o primeiro marxista brasileiro. *Revista USP*. São

Paulo, n.38. Jun/Ago. 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28397> . Data de acesso: 09/04/2018.

LÖWY, Michael. Introdução – Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: LOWY, Michael (Org). *O marxismo na América Latina* – uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2012. p. 9-62.